



**ES CRAVO, NEM PENSAR!**

**Experiências Comunitárias  
de Combate à Escravidão**



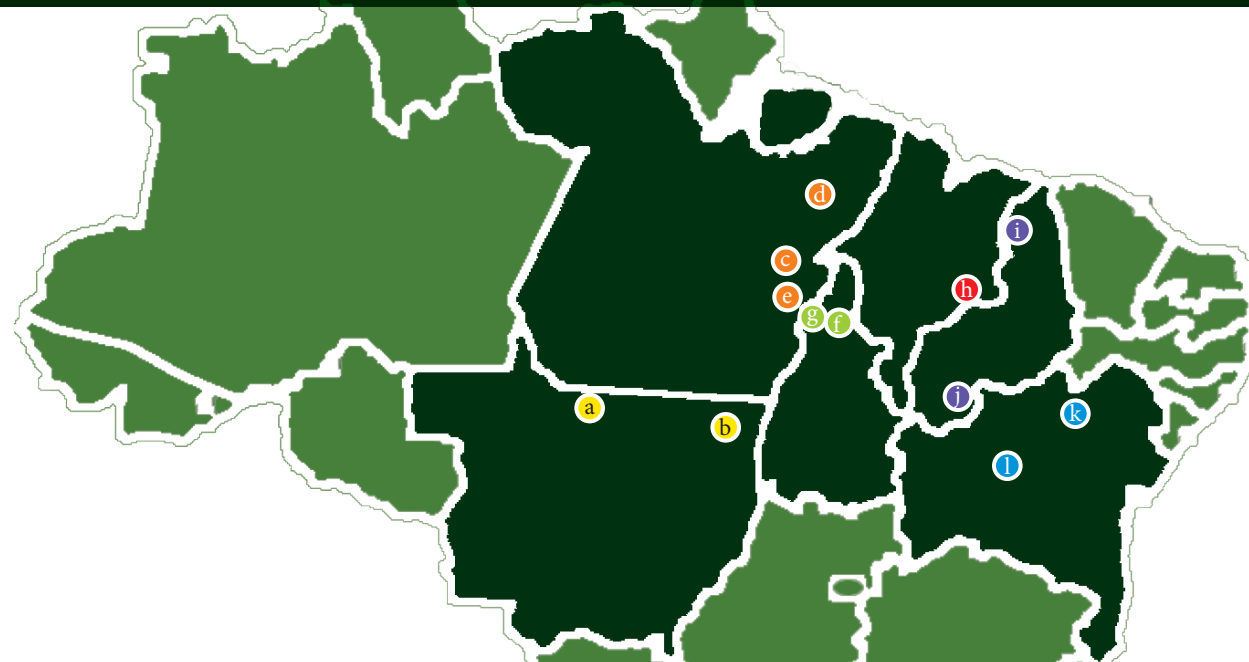
**2011**



Esta cartilha traz experiências de escolas e entidades da sociedade civil que se dedicaram, em 2011, ao desenvolvimento de ações para prevenir e combater o trabalho escravo rural contemporâneo. Em treze municípios de seis Estados brasileiros, foram desenvolvidos quinze projetos comunitários apoiados pelo programa educacional “Escravo, nem pensar!”.

Cada projeto propôs uma solução criativa para alertar crianças, jovens e adultos sobre essa grave violação dos direitos humanos, que ainda arranca a dignidade de milhares de trabalhadores. Com muito empenho, cada comunidade se envolveu na reflexão sobre trabalho escravo, analisando suas causas e propondo formas de combatê-lo.

Os projetos foram selecionados por meio de edital lançado no início de 2011 pelo “Escravo, nem pensar!”, com apoio da Catholic Relief Services e da TAM Linhas Aéreas. Cada iniciativa recebeu recurso financeiro de até R\$ 1 mil, de acordo com o orçamento apresentado. Os participantes também receberam apoio pedagógico e acompanhamento mensal para que as atividades fossem bem-sucedidas. Desde 2007, sessenta e cinco projetos comunitários já foram apoiados pela ONG Repórter Brasil. O sucesso dessa iniciativa aponta para a importância de estimular o engajamento da população no combate ao trabalho escravo e, dessa forma, colaborar para o fortalecimento de entidades que já desenvolvem seus trabalhos para fazer valer os direitos fundamentais do ser humano.



## EXPEDIENTE

### Fundo de Apoio aos Projetos “Escravo, nem pensar!”

**Organização:** Repórter Brasil – Organização de Comunicação e Projetos Sociais

**Apoio:** Catholic Relief Services e TAM Linhas Aéreas

**Projeto gráfico:** Gustavo Ohara

**Redação:** Cibele Lima

**Equipe do “Escravo, nem pensar!”:** Carolina Motoki, Fabiana Vezzali e Thiago Casteli

[www.escravonempensar.org.br](http://www.escravonempensar.org.br)

Impresso no Brasil  
2 mil exemplares  
Distribuição gratuita

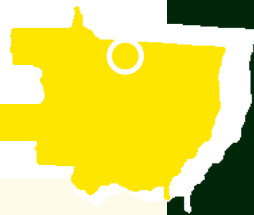


Conteúdo licenciado  
sob a CC by-nc 3.0

<b>a</b>	Alta Floresta (MT) - Trabalho escravo, jamais! _____	4
<b>b</b>	Confresa (MT) - Rádio na escola: Comunicação como meio de erradicar o trabalho escravo contemporâneo _____	6
<b>c</b>	Marabá e Parauapebas (PA) - Trabalho escravo: Informar para libertar _____	8
<b>d</b>	Paragominas (PA) - Teatro do Oprimido _____	10
<b>e</b>	Xinguara (PA) - A liberdade se conquista através da aquisição de conhecimentos _____	12
<b>e</b>	Xinguara (PA) - Purguy contra o trabalho escravo _____	14
<b>e</b>	Xinguara (PA) - Superando as mazelas da exploração capitalista _____	16
<b>f</b>	Araguaína (TO) - Estrada para cidadania – Erradicar para libertar _____	18
<b>f</b>	Araguaína (TO) - Não há cidadania sem liberdade _____	20
<b>g</b>	Santa Fé do Araguaia (TO) - As lutas de um povo de uma comunidade quilombola _____	22
<b>h</b>	Paraibano (MA) - Professores na luta contra o trabalho escravo _____	24
<b>i</b>	União (PI) - Educar para não virar escravo _____	26
<b>j</b>	Avelino Lopes (PI) - Quebrando as correntes da escravidão _____	28
<b>k</b>	Piritiba (BA) - Escravidão feminina no mundo contemporâneo _____	30
<b>l</b>	Ibotirama (BA) - Preservando o meio ambiente e colhendo cidadania: Escravo, nem pensar! _____	32

# Trabalho escravo, jamais!

Alta Floresta – MT



## Quem realizou

Escola Estadual Rui Barbosa, localizada na área urbana.

## A ideia

Em fazendas do município já ocorreram flagrantes de trabalhadores em situação de escravidão. Para combater o aliciamento de jovens trabalhadores rurais, o projeto empenhou-se em disseminar informações sobre a incidência do trabalho escravo no Brasil e na região, refletindo sobre as causas do trabalho escravo rural e as formas de erradicá-lo. Participaram estudantes de Ensino Fundamental e de Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de moradores da área urbana e da área rural do município.

## PALESTRAS E OFICINAS

Para envolver a comunidade escolar e também a população, foram organizadas palestras abertas ao público, que atraíram atenção de pessoas de várias regiões da cidade. A atividade com os procuradores do Ministério Público do Trabalho em Alta Floresta recebeu cerca de 300 participantes, que puderam esclarecer dúvidas sobre direitos trabalhistas e sobre trabalho escravo. Houve também uma palestra com um médico do trabalho para alertar sobre as doenças que podem ser desenvolvidas pelos trabalhadores quando são submetidos a longas jornadas, grande esforço físico e alimentação inadequada.

## PESQUISA

Estudantes de EJA participaram de uma pesquisa cujo objetivo era investigar os motivos pelos quais teriam abandonado a escola anteriormente e se já haviam enfrentado situações de trabalho escravo. Os resultados obtidos possibilitaram o planejamento de aulas para discussão sobre seus direitos e também sobre como evitar as ciladas do aliciamento para o trabalho escravo.



Alunos e alunas participaram de várias atividades. À direita, fazem leitura de texto sobre trabalho escravo no “Almanaque do Alfabetizador”.

## GERAÇÃO DE RENDA

Outra ação bem-sucedida do projeto foi a realização de oficinas de pintura em guardanapos. Por meio da divulgação em TV e rádios locais, o alcance foi amplo, e participaram mulheres da cidade e do campo. Durante os encontros elas conversavam sobre trabalho escravo. A princípio, ficaram muito surpresas com o assunto, especialmente as que não são alunas da escola, pois não sabiam da existência desse tipo de violação dos direitos humanos. As artesãs gostaram tanto que ampliaram o foco da oficina – inicialmente, era apenas de pintura, mas as que sabiam crochê ensinaram às demais participantes.

A partir das oficinas, muitas mulheres estão confeccionando guardanapos para revender, complementando a renda da casa. Dessa maneira, a oficina cumpriu seus dois propósitos: estender o alcance das informações sobre trabalho escravo para além da comunidade escolar e debater formas de geração de renda para as famílias, reduzindo a chance de se submeterem a condições desumanas de trabalho.



Mulheres da cidade e do campo participaram de oficina de pintura em tecido. Algumas já estão comercializando os produtos, contribuindo para aumentar a renda familiar.

“ As mulheres que participaram da oficina puderam ter uma outra visão da escola, como um espaço onde quem não é aluno também pode aprender coisas novas, e também que a escola pode contribuir pra melhorar a renda e as condições de vida das pessoas. Agora a escola é vista como um lugar onde as pessoas podem pedir informações sobre trabalho escravo. Passou a ser um espaço de referência sobre esse assunto. ”

*Eronilce Maria do Carmo de Rezende*  
coordenadora pedagógica da escola e do projeto



# Rádio na escola: Comunicação como meio de erradicar o trabalho escravo contemporâneo

Confresa – MT

## Quem realizou

Escola Estadual Antônio Alves Dias e os anexos Escolas Pau Brasil e Tancredo Neves, localizadas na área rural.

## A ideia

Utilizar a comunicação para mobilizar as escolas participantes e a comunidade para a prevenção ao trabalho escravo.

## COMUNICAR PARA ERRADICAR

As escolas localizam-se em comunidades do campo que nasceram com a luta pelo direito à terra. Hoje, enfrentam diversas dificuldades e os moradores acabam vulneráveis ao trabalho escravo. Com esse contexto em mente, professoras e professores pensaram em ações de comunicação para informar a comunidade sobre o problema, sobre as formas de cair na armadilha do aliciamento e como evitá-lo. Assim, foram criadas novas maneiras de fazer a informação circular: uma rádio escolar e um jornal mural, que divulgaram matérias sobre trabalho escravo a partir das pesquisas realizadas por alunos e alunas, e um documentário sobre a história dos assentamentos, com objetivo de relembrar a luta pela terra e fortalecer a identidade do grupo. Outro objetivo das ações era inibir a atuação de aliciadores na comunidade.

## TRÊS ESCOLAS, UM PROPÓSITO

Para elaborar os materiais de comunicação, as escolas refletiram com os estudantes sobre as características do trabalho escravo contemporâneo. Na Escola Pau Brasil, a partir de textos informativos sobre o tema, alunos e alunas estudaram a legislação trabalhista e a situação enfrentada pelos trabalhadores rurais em fazendas, identificando os direitos e a necessidade de denunciar às autoridades competentes as situações vivenciadas.

Na escola Tancredo Neves, foram realizadas pesquisas sobre o tema e produzidos cartazes e textos, além de artesanatos com reciclagem, tecidos, sementes e potes de barro, como forma de identificar elementos da cultura africana na comunidade. Alunos e alunas entrevistaram moradores e recolheram informações sobre plantas medicinais, pratos típicos e aspectos da cultura local.

A escola Antônio Alves Dias sediou a maior parte das atividades do projeto, ficando responsável pela produção do jornal mural e dos programas de rádio distribuídos às outras escolas. Também foram desenvolvidas diversas ações em sala de aula, como pintura em camisetas, dramatizações, coreografias e paródias.

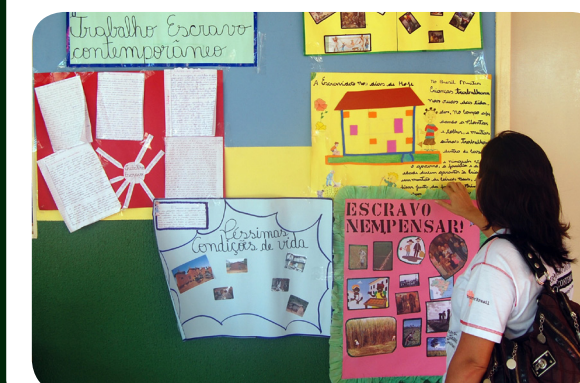
Todos os trabalhos produzidos pelas três escolas foram apresentados em atividade de socialização do projeto, que contou com a presença da comunidade.



Encenação no dia do encerramento quebrou as “correntes” da escravidão. À direita, alunos e alunas da escola Novo Planalto, que também se envolveu no projeto, apresentaram os trabalhos realizados.



Teatro mostra aspectos da agricultura familiar, tema também discutido com alunos e alunas. Cada estudante do 7º ano produziu uma camiseta sobre trabalho escravo. E foram expostos painéis com os materiais elaborados durante o projeto.



“ O projeto proporcionou a chance de mostrar aos estudantes a importância da cooperação, da coletividade, da união, da necessidade de comunicação e de informação, de ter esperança e confiança na justiça. ”

**Alda Monteiro Carvalho Morais**

professora de ciências exatas e responsável pelo projeto na escola Pau Brasil



# Trabalho escravo: informar para libertar

## Marabá e Parauapebas – PA



### Quem realizou

Escola Municipal Pedro Valle, localizada na área rural.

### A ideia

Exibir o filme “Esperança perdida”, realizado por estudantes, professores e professoras em 2010, para levar o debate sobre trabalho escravo a outras escolas e comunidades de Marabá e Parauapebas.

### O FILME

Em 2010, a escola desenvolveu um projeto e produziu a peça de teatro “Esperança Perdida”, que narra a história de um trabalhador que se torna escravo em uma fazenda. A dramatização foi apresentada nas comunidades da região e se tornou filme, vencedor do prêmio de melhor filme amador no Festival de Cinema de Parauapebas. Este ano, para expandir o alcance do projeto, o vídeo foi exibido em sete escolas e outras três comunidades de Marabá e Parauapebas. Após as exibições, os estudantes-atores realizavam rodas de conversa sobre trabalho escravo e as situações de pobreza que levam o trabalhador a ser enganado pelas falsas promessas de aliciadores. Nas visitas, também foram apresentados materiais sobre trabalho escravo e um teatro de fantoches.

### OUTRAS AÇÕES

Alunos e alunas atuaram com empolgação nas atividades, surpreendendo os professores com sua criatividade. Após pesquisarem materiais de apoio sobre trabalho escravo, os estudantes elaboraram fotonovelas e uma cartilha reunindo desenhos e informações sobre o tema. Ao final do projeto, foi realizada a “Semana do Trabalho”, com uma série de atividades no assentamento onde a escola está sediada. Estudantes distribuíram informações para a comunidade, orientando alguns trabalhadores que tiveram seus direitos negados pelo patrão. Também foi realizada uma palestra com representantes da Justiça do Trabalho em Marabá, da Polícia Federal e da Comissão Pastoral da Terra. Todas as ações reuniram muitos moradores em busca de mais informações e esclarecimentos sobre trabalho escravo e sobre direitos trabalhistas.

### PARCERIAS QUE FORTALECEM

Ampliar a rede de parceiros foi fundamental para que o projeto alcançasse um maior número de pessoas. As escolas visitadas pelo projeto se envolveram com a divulgação de informações sobre trabalho escravo, e pessoas da comunidade ofereceram uma oficina de artesanato para as mulheres do assentamento, enriquecendo a proposta original.



Acima, à esquerda, professora Juraci lê poema sobre trabalho escravo escrito por aluna da escola. Estudantes produziram desenhos que retratam situação enfrentada por trabalhadores. A comunidade compareceu à palestra da Justiça do Trabalho e da Comissão Pastoral da Terra.

“ Atingimos o objetivo porque conseguimos mobilizar as pessoas. Quando fazemos isso, criamos uma corrente de esperança no sentido de erradicar o trabalho escravo. Quanto mais informações levamos às comunidades, mais estaremos contribuindo para a libertação das vítimas do trabalho escravo. “

*Juraci Alves Vieira*  
diretora da escola e coordenadora do projeto



# Teatro do Oprimido Popular Amazônico Paragominas – PA



## Quem realizou

Grupo Teatro do Oprimido Popular Amazônico.

## A ideia

Criar um núcleo de Teatro do Oprimido na comunidade Ouro Preto, bairro vulnerável de Paragominas, para realizar intervenções sobre trabalho escravo. A proposta era utilizar as técnicas teatrais como instrumentos de reflexão a respeito dos problemas sociais e como forma de organizar a sociedade para intervir nessa realidade.

## OFICINAS DE TEATRO DO OPRIMIDO

Crianças e adolescentes participaram de oficinas de formação, em que os educadores apresentaram o tema do trabalho escravo por meio de técnicas de dramatização e de expressão corporal, dinâmicas e materiais didáticos. A peça criada foi encenada nas ruas do bairro Ouro Preto e na comunidade vizinha de Bela Vista. Trata-se da história de uma família retirante: o pai é iludido por um aliciador e procura uma forma de se libertar. Nas apresentações, antes do final da peça, o grupo iniciava diálogo com o público para alertar que a situação apresentada não era ficção, em um debate sobre o perigo que o trabalho escravo representa para a comunidade.

## ARTE-EDUCAÇÃO

Os educadores visitaram as casas do bairro para apresentar o projeto às famílias e chamar crianças e adolescentes a participarem das oficinas de Teatro do Oprimido. Além disso, convidaram pais e mães para reuniões em que foram discutidas a existência do trabalho escravo na região e as maneiras de se prevenir. As famílias assumiram o compromisso de colaborarem na manutenção do espaço utilizado para ensaios, na confecção de figurino para as apresentações e na preparação dos lanches das crianças.

Assim, durante o projeto, foi possível aproximar os moradores da comunidade e envolvê-los nas discussões sobre trabalho escravo, violência doméstica, tráfico de drogas e exploração infantil. Uma das ações de maior repercussão foi a criação do “Telecine Ouro Preto”, com exibições mensais de filmes para a comunidade.

## PARCERIAS

Firmar parcerias foi um elemento importante para ampliar o alcance do projeto. O Instituto Popular Amazônico, a Cáritas Brasileira de Paragominas, a Associação de Moradores do Bairro Laércio Cabeline e o Movimento Amazônico Rural e Urbano apoiaram o projeto com infraestrutura, recursos audiovisuais, materiais didáticos, divulgação e mobilização de voluntários. Com o auxílio dos parceiros, foi possível dar maior visibilidade à experiência, com divulgação das atividades em sites da Internet e emissoras de TV. Os educadores também foram procurados pela Universidade do Estado do Pará, interessada em conhecer melhor o projeto para estabelecer parceria.

Uma das metas atingidas foi envolver a escola que atende a maior parte da comunidade Ouro Preto. Com incentivo da direção escolar, o grupo de teatro tem se aproximado do corpo docente para que, em um futuro próximo, possam desenvolver atividades em conjunto.



Para compor a peça que contou a história de um trabalhador escravizado, crianças e adolescentes participaram de oficinas de expressão corporal, jogos teatrais e exercícios de criatividade, em que pintaram um mural com a comunidade dos seus sonhos. A encenação foi apresentada em ruas, praças e escolas da comunidade Ouro Preto e vizinhança. Os participantes também receberam folhetos informativos sobre o trabalho escravo.

“ Só tinha ouvido falar de trabalho escravo com o professor de História na escola. A gente não sabia que existia ainda. Achei muito bom estudar isso porque vai que chamam a gente pra trabalhar em fazenda do jeito que foi falado na peça... Dá pra alerta outras pessoas também. ”

*Maria Renaria Braga de Sousa*  
15 anos



# A liberdade se conquista através da aquisição de conhecimentos

Xinguara – PA



## Quem realizou

Escola Municipal de Educação Infantil Ciranda Cirandinha, localizada na área urbana.

## A ideia

Levantar a discussão sobre trabalho escravo no Brasil e particularmente na região de Xinguara. Por meio de exibição de filmes, conversas e trabalhos realizados em sala de aula, o objetivo era fazer com que estudantes do Ensino Infantil e de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental soubessem identificar os casos ocorridos em suas comunidades ou com pessoas conhecidas.

## IDENTIFICAR O PROBLEMA

As crianças tiveram aulas especiais sobre direitos humanos, direitos trabalhistas, trabalho infantil e trabalho escravo. As aulas foram enriquecidas com filmes, livros e cartilhas. A partir dos conteúdos trabalhados, alunos e alunas confeccionaram materiais como desenhos, paródias e cartazes. No decorrer do projeto, foi perceptível que as crianças compreendiam bem o tema desenvolvido e algumas delas perceberam que seus pais, por vezes, são superexplorados no trabalho.

Um dos objetivos iniciais do projeto era pesquisar se a comunidade possuía informações sobre o trabalho escravo e sua incidência na região. Com isso, foi possível identificar um ex-aluno da escola que, junto com seu irmão, foi vítima de trabalho escravo em uma fazenda próxima ao rio Araguaia. Ele deu depoimento aos estudantes sobre a situação a que havia sido submetido.

Durante o projeto, alunos e alunas também participaram de uma peça de teatro sobre trabalho infantil e outra sobre o ciclo do trabalho escravo. Depois dessa experiência, nasceu a proposta de criar um grupo de teatro na escola, intitulado “Chama viva”.

## CADEIA PRODUTIVA

Este tema foi central no projeto. Com base na leitura da cartilha sobre a cadeia produtiva do trabalho escravo, produzida pelo programa “Escravo, nem pensar!” (disponível na internet em [www.escravonempensar.org.br](http://www.escravonempensar.org.br), na seção Materiais), foram desenvolvidas atividades com os estudantes para que percebessem que produtos consumidos diariamente podem ter o trabalho escravo em seu processo de produção. As cadeias produtivas de uma série de produtos foram apresentadas às crianças, como as da margarina, do detergente, do açúcar e do coco babaçu. Uma professora, que já foi quebradeira de coco no Maranhão, relatou um pouco de sua história de vida. Com ajuda de alunos e alunas, ela mostrou como é quebrado o coco babaçu para extração da casca, usada como carvão, e do óleo da amêndoa, que além de ser usado na culinária regional, é muito visado pela indústria para fabricação de xampus, sabonetes, detergentes e outros produtos.



Professora mostrou aos estudantes como se quebra o coco babaçu. A cadeia produtiva de vários produtos foi apresentada na atividade “O trabalho escravo em nossa mesa”. Alunos e alunas encenaram teatro sobre a situação de trabalhadores nas fazendas.

“ A participação dos estudantes e o interesse pelo debate foram excelentes, superando as expectativas de quem achava que não era possível trabalhar um assunto tão complexo com crianças. O resultado foi surpreendente. O tema foi compreendido também por não ser desconhecido, estar presente no cotidiano de alguns e também na TV, nas notícias. ”

**Nélio Pereira Coelho**

coordenador pedagógico da escola e do projeto

Ao lado, desenho elaborado por um dos alunos.





# Purguy contra o trabalho escravo

## Xinguara – PA



### Quem realizou

Escola Municipal Padre João Purguy, localizada no Distrito Rio Vermelho.

### A ideia

Apresentar aos estudantes e suas famílias a conjuntura do trabalho escravo no Brasil e no sul do Pará, alertando para a incidência desse crime em fazendas vizinhas e para a presença do aliciamento na região. A escola situa-se em região marcada por acentuado conflito agrário. O distrito fica em uma espécie de “rota do trabalho escravo”, ou seja, recebe muitos trabalhadores que vivem transitando de uma região para outra do país em busca de trabalho.

## ROMPENDO O SILÊNCIO

A primeira dificuldade para realização do projeto foi conversar com a comunidade a respeito do tema. Professores e professoras tentaram obter possíveis relatos de moradores sobre situações de trabalho escravo vivenciadas ou conhecidas, mas encontraram constrangimento: a comunidade evitava comentar o assunto por medo de possíveis represálias. Apesar disso, a escola recebeu apoio de mães e pais para abordar o tema, considerado pelas famílias como de extrema importância.

Com sensibilidade para compreender os receios dos moradores do distrito, a equipe docente se empenhou em discutir com alunos e alunas a situação da comunidade, alertando para o risco constante de aliciamento de trabalhadores e procurando apontar o quanto esse problema está próximo de sua realidade. O trabalho escravo foi conteúdo inserido no programa de todas as disciplinas, e as aulas foram enriquecidas com sessões de filmes, produção poética, paródias e teatro de fantoches.

A escola também promoveu um ciclo com três palestras sobre a incidência do trabalho escravo na região e as ações de combate, sobre a falta de oportunidades de trabalho no município, e sobre o papel da escola para que estudantes conheçam e lutem pelos seus direitos e tenham uma posição crítica e reflexiva a respeito do próprio trabalho. A sequência de palestras foi preparada em parceria com a Comissão Pastoral da Terra, que disponibilizou materiais informativos sobre escravidão rural.

Durante uma das palestras, dois estudantes de Educação de Jovens e Adultos se sentiram à vontade para dizer à turma que já enfrentaram situações de trabalho semelhantes às que assistiram nos filmes, em fazendas da própria região. Foi o primeiro passo para que as pessoas da comunidade ganhassem confiança para debater o tema.

## OS CAMINHOS DO TRABALHADOR

Para finalizar o projeto, foi realizada a “Via-sacra do trabalhador escravizado”. Estudantes, professores, professoras e algumas pessoas da comunidade refletiram sobre a trajetória de vida e sobre o sofrimento dos trabalhadores escravizados, por meio da apresentação de textos, músicas, poesias e paródias, trechos de falas de filmes e depoimentos colhidos durante as palestras.



A situação fundiária do sul do Pará, marcada por trágicos conflitos, foi tema de estudos e produção de trabalhos durante o projeto. Realizando pesquisas, estudantes recolheram estatísticas do trabalho escravo na região e depoimentos de trabalhadores vítimas desse crime. Mesmo com o receio inicial da comunidade de discutir o assunto, alunos e alunas superaram esta barreira, levando as informações para suas famílias e para outros moradores.

“ Alcançamos o objetivo geral que é esclarecer a comunidade sobre este tipo de crime contra os direitos dos cidadãos. Mas, devido aos problemas da região, onde não há uma presença ativa do poder público colaborando com essa prevenção, o resultado é limitado. Devido também às poucas alternativas de trabalho, o que resta aos cidadãos é trabalhar em fazendas mesmo. Então, se não há oportunidades, apoio, política pública do governo, essas pessoas vão cair e cair de novo na escravidão, porque não conseguimos mexer na estrutura do problema. A gente só pode esclarecer, mas as circunstâncias são outras. As realidades das pessoas são outras. ”

**Nélio Pereira Coelho**

coordenador pedagógico da escola e do projeto



# Escravo, nem pensar: superando as mazelas da exploração capitalista

## Xinguara - PA



### Quem realizou

Escola Municipal São José, localizada na Vila São José.

### A ideia

Expor um panorama do trabalho escravo no Brasil e no Pará, informando estudantes e comunidade sobre quais entidades e organizações atuam em defesa dos direitos dos trabalhadores. Por meio de atividades interdisciplinares, pesquisa com a comunidade e produção artística, procurou-se estimular um debate mais amplo sobre o atual modelo de “ocupação” da Amazônia.

## DIVERSIDADE DE AÇÕES

O trabalho escravo foi discutido em sala de aula por meio de diferentes atividades, como pesquisa de opinião pública e análise de vídeos e materiais informativos. As turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) estudaram as principais características do trabalho escravo e as atividades produtivas com maior incidência do problema. Alunos e alunas pesquisaram e apresentaram seus trabalhos em seminários, além de confeccionar poesias, desenhos, gráficos, músicas e paródias sobre o tema.

Estudantes também editaram uma apostila própria, com o título “Levantamento histórico sobre o trabalho escravo”, na qual registraram suas impressões pessoais e o que descobriram durante o projeto. A apostila foi ilustrada com desenhos, gravuras, colagens, paródias, poesias, textos e histórias em quadrinhos, além de conter um questionário sobre trabalho escravo aplicado pelas turmas entre os estudantes. Em todas as ações, professores e professoras analisaram com os estudantes as situações de miséria e vulnerabilidade social que levam os trabalhadores a serem submetidos a esse tipo de exploração. Foram discutidos possíveis caminhos para preservação da floresta e para que seus habitantes tenham uma vida digna.



Durante a culminância do projeto, a comunidade escolar pôde admirar as telas pintadas pelos estudantes sob orientação da professora de Artes. Os desenhos fazem referência a situações degradantes impostas aos trabalhadores quando seus direitos são desrespeitados.

## EXPOSIÇÃO

Como ação do projeto, foi realizado o “1º Concurso de Cartazes da Escola São José”. Entre mais de duzentos cartazes desenhados pelos estudantes sobre a temática, uma comissão julgadora selecionou vinte para serem pintados em tela. No dia da culminância, houve exposição cultural dos trabalhos confeccionados por alunos e alunas. As cinco melhores telas foram premiadas com mochilas e materiais escolares obtidos com doações de comerciantes locais. Os autores das obras explicaram ao público o significado de suas pinturas. Além disso, os presentes assistiram a filmes e a uma palestra com a Comissão Pastoral da Terra, e também prestigiaram as paródias compostas pelos estudantes.

Durante o projeto foi possível contar com o apoio das pessoas da comunidade, muitos deles trabalhadores rurais. Houve grande interesse pelo tema e alguns quiseram mais informações, inclusive sobre as entidades de combate e prevenção do trabalho escravo.



Entre os trabalhos confeccionados pelos estudantes estão a apostila, com textos e ilustrações sobre trabalho escravo, e paródias interpretadas por eles mesmos para a comunidade no dia da culminância.

“ O mais marcante foi a integração entre todos da equipe escolar: do pessoal da secretaria, da cozinha, de professores e alunos. Foi uma troca de experiências entre toda a instituição escolar. Os funcionários mais velhos, a cozinheira e o segurança contavam histórias dos seus pais e avós, e os professores levavam essas experiências para a sala e comparavam com os dias atuais. Muitos professores reconheceram que tudo é uma aprendizagem, que todo dia podemos aprender coisas novas. “

*Mirlene da Silva Lima*

*vice-gestora e uma das coordenadoras do projeto*

# Estrada para cidadania Erradicar para libertar

## Araguaína – TO



### Quem realizou

Escola Estadual Norte Goiano, localizada na área urbana.

### A ideia

Reduzir, a partir do trabalho com estudantes da escola, o aliciamento de jovens e adultos da comunidade, além de abordar a relação entre a exploração do trabalho escravo e a degradação do meio ambiente. A escola recebe estudantes das zonas rural e urbana que podem estar vulneráveis às promessas enganosas de aliciadores de mão de obra.



Nas ruas de Araguaína, três escolas realizaram caminhada ecológica. Durante a ação, alunos e alunas distribuíram mudas de plantas e panfletos sobre trabalho escravo para a população. Projeto conseguiu relacionar trabalho escravo e desmatamento.

## CAMINHADA ECOLÓGICA

Professoras, professores e estudantes organizaram uma caminhada ecológica para chamar atenção sobre o tema, enquanto passavam por uma grande avenida da cidade. No trajeto, distribuíram para a população mudas de plantas e panfletos alertando sobre o trabalho escravo. Outras duas escolas da cidade também participaram da atividade, e as pessoas paravam para conversar com os estudantes e observar os trabalhos expostos. Cerca de mil pessoas acompanharam a caminhada, também noticiada nas rádios e TVs locais, o que fez com que o debate promovido pela escola ganhasse ainda mais destaque.

## DIVERSAS ATIVIDADES

Para subsidiar os trabalhos, os estudantes assistiram a filmes e confeccionaram materiais como poesia, paródia, história em quadrinhos, desenhos e cartazes alertando para a urgência de um modelo de desenvolvimento que priorize a valorização da vida humana e do meio ambiente.

A escola preparou uma palestra sobre a “lista suja” do trabalho escravo, que é um cadastro dos empregadores flagrados utilizando esse tipo de mão de obra, organizado pelo Ministério do Trabalho. Alunos e alunas puderam identificar a presença de fazendas do Tocantins nessa lista. Houve também uma apresentação sobre cadeias produtivas que utilizam mão de obra escrava. O debate tratou das monoculturas de cana, soja e carvão presentes no Estado. Destacou-se a cadeia produtiva da pecuária, pois há muitos frigoríficos na região. Estudantes, mães e pais assistiram ao documentário “Carne, Osso”, produzido pela ONG *Repórter Brasil*, e discutiram os impactos desse tipo de atividade na vida do trabalhador.

No dia da culminância houve apresentação de danças, poesias, paródias e peça de teatro por professores, professoras e estudantes. Também foi montada uma exposição com murais, maquetes e painéis produzidos durante o projeto.

## ESCOLA COMO REFERÊNCIA

Uma das metas do projeto era transformar alunos e alunas em propagadores de informações sobre trabalho escravo. Durante as atividades, a escola conseguiu envolver mães e pais, que receberam materiais e informações sobre o tema e tiveram contato com os trabalhos produzidos pelos estudantes. Alguns moradores também compartilharam suas experiências de trabalho vividas. Por causa da repercussão das ações do projeto nos meios de comunicação, famílias procuraram a escola para pedir informações sobre trabalho escravo. Trabalhadores rurais demitidos de fazendas sem receber seus direitos também foram até a escola e foram orientados a procurar a Comissão Pastoral da Terra e o Centro de Direitos Humanos de Araguaína.

“ Durante o projeto foi perceptível a mudança de postura dos estudantes em relação ao tema. Eles foram sensibilizados, ficaram mais atentos às notícias correntes na cidade e também aos noticiários, comentando na escola o que ouviram falar a respeito. “

**Maria do Rosário Alves de Sousa**

*professora de História e Sociologia e coordenadora do projeto*



# Não há cidadania sem liberdade

## Araguaína – TO

### Quem realizou

Escola Estadual Teresa Hilário, situada na área urbana.

### A ideia

A escola realizou encontros temáticos para debater com estudantes e comunidade o trabalho escravo no Brasil. Também foram abordadas ações de prevenção e combate. Situada em uma região periférica da cidade, com saída de trabalhadores, a escola tem alunos vulneráveis ao aliciamento.

## CICLO DO TRABALHO ESCRAVO

O projeto teve participação de alunos e alunas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foram realizados cinco encontros reunindo estudantes e comunidade, com metodologias diferentes: palestras com a Comissão Pastoral da Terra e o programa “Escravo, nem pensar!”, exibição de filmes que expunham relatos de trabalhadores libertados do trabalho escravo e encenações teatrais. Em sala de aula, professores e professoras desenvolveram atividades sobre legislação trabalhista, cidadania, direitos e deveres.

Nos encontros, foram abordados diversos temas relacionados ao trabalho escravo: as ações de combate no Tocantins; as diferenças entre a escravidão no meio urbano e no meio rural; as formas de aliciamento e as falsas promessas empregadas pelos aliciadores; os problemas ambientais provocados pelo agronegócio e a situação fundiária no Brasil. Com a discussão sobre a terra, alunos e alunas puderam refletir sobre como suas histórias de vida estão ligadas ao campo, apesar de viverem na cidade.

## PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE

Alguns dos pais e mães se identificaram com o tema e se sentiram à vontade para compartilhar suas experiências. Em um dos encontros, os presentes assistiram a filmes e, em grupos, participaram da montagem de maquetes e produção de paródias sobre o tema.

A escola também realizou uma passeata pelas ruas do bairro para chamar atenção dos moradores sobre a incidência do trabalho escravo na região. Foram distribuídos panfletos informativos com telefones para denúncias.



Passeata levou a discussão sobre trabalho escravo para as ruas e professores, professoras e estudantes orientaram moradores da comunidade sobre como efetuar uma denúncia. Na escola, as crianças da Educação Infantil realizaram apresentação teatral sobre o tema. E alunas de EJA produziram cartazes que originaram um painel.

“ Participamos de tudo, nos empenhamos, e em nenhum momento tivemos preguiça de fazer os trabalhos propostos, porque nesse caso sabemos que é um benefício pra gente e pra comunidade. E, se o projeto tiver continuidade, faremos tudo com a mesma empolgação. No dia da passeata, havia muita gente. As pessoas conversavam, perguntavam de que se tratava, algumas ficaram surpresas em saber que existe trabalho escravo. E outras, que já sabiam, ficaram felizes de verem ações de combate. “

**Maria de Jesus dos Santos Taveira**

40 anos, aluna do 4ª período de EJA e mãe de aluno da mesma escola



# As lutas de um povo de uma comunidade quilombola

## Santa Fé do Araguaia – TO



### Quem realizou

Escola Municipal Emanuel, localizada na comunidade quilombola de Cocalinho.

### A ideia

Realizar pesquisa e produzir documentário sobre a história da comunidade, descendente de escravos, relacionando-a ao trabalho escravo contemporâneo. Fazer memória das lutas da comunidade foi o instrumento encontrado para fortalecer os laços de identidade e união entre os moradores e torná-los menos vulneráveis a situações degradantes de trabalho.

## RECONHECER SUA HISTÓRIA

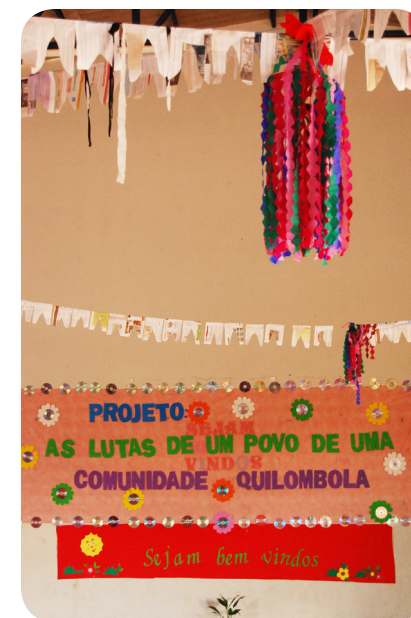
O eixo do projeto foi a realização da pesquisa, por alunos e alunas, sobre a história da comunidade. A turma saiu a campo para entrevistar os moradores mais antigos, gravando os depoimentos. Nesse trabalho, os estudantes foram percebendo a mudança nos hábitos de vida e o esquecimento de algumas tradições: não tinham conhecimento das dificuldades vividas pelos mais velhos, nem que a luta pela terra havia sido tão penosa. Um morador contou que teve a casa incendiada por fazendeiros e só não foi morto porque não estava no local. Como a área em que vivem atualmente é muito restrita, os estudantes desconheciam as práticas agrícolas utilizadas pelos moradores no passado. Esses relatos compuseram material usado por professores e professoras para estudar a fundo a história que antes era conhecida apenas superficialmente.

## TRABALHO ESCRAVO HOJE

A comunidade é formada por descendentes de escravos negros fugidos, vindos do Maranhão, e mesmo com décadas de luta ainda se vê constantemente ameaçada. Cercada por grandes fazendas, seu território é cada vez mais reduzido, o que dificulta o plantio e faz com que os moradores, sem opção, procurem trabalho em fazendas, sujeitos a um tipo de escravidão diferente da enfrentada por seus ancestrais, mas que também ameaça sua dignidade. A partir disso, foi possível discutir a escravidão contemporânea. Quando tomaram contato com fotografias e relatos sobre formas desumanas de exploração do trabalho, alguns alunos e moradores perceberam que já haviam enfrentado situações semelhantes, ainda que sem saber que se tratava de escravidão.

## AÇÕES CONCRETAS

Discutir a história da comunidade trouxe a urgência de retomar o debate sobre o processo de reconhecimento do território pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), que alega não poder titular a terra por não ter antropólogo para emissão do laudo. Garantir sua demarcação e posse legal significa garantir o direito de permanecer na comunidade, sem a necessidade de migrar ou se sujeitar a situações degradantes de trabalho. O projeto contribuiu para compreender os problemas que envolvem a lentidão nesse processo de titulação e pensar coletivamente em possíveis soluções.



Atividades desenvolvidas pela escola relacionaram histórias de escravidão vividas por fundadores da comunidade com situações enfrentadas pelos moradores nos dias de hoje. Na culminância, crianças apresentaram o lindô, dança tradicional, aos moradores mais antigos.

“ O projeto foi importante para perceber que tudo o que os moradores da comunidade viveram está relacionado de alguma forma com o trabalho escravo. As pessoas de fora também passaram a ver a comunidade de maneira mais respeitosa. Muitos alunos sofrem preconceito nas escolas da cidade, as pessoas apontam: “olha os quilombolas”, mas agora ganhamos respeito. ”

**Maria Aparecida da Silva Lima**  
coordenadora pedagógica da escola e do projeto



# Professores na luta contra o trabalho escravo

## Paraibano – MA

### Quem realizou

Professores e professoras de cinco escolas do município de Paraibano.

### A ideia

Fazer uma peça de teatro para alertar os jovens sobre trabalho escravo, já que há alto índice de migração de trabalhadores do município, principalmente para o corte da cana-de-açúcar.

## TEATRO NAS ESCOLAS

Professores e professoras prepararam uma encenação chamada “Quando a esmola é demais, o santo desconfia”. O conteúdo da peça abordou o ciclo do trabalho escravo, a situação de pobreza que leva as pessoas a migrarem em busca de trabalho, as formas de violência a que estão sujeitas, como denunciar essa violação dos direitos humanos e como se prevenir. A peça foi apresentada em cinco escolas da área urbana da cidade, algumas localizadas em bairros com população em situação de vulnerabilidade, e também para a turma do Projovem.

Após cada encenação, espectadores participaram de uma roda de conversa sobre as situações apresentadas, relacionando o conteúdo com o cotidiano dos trabalhadores locais. Também foi possível identificar as possíveis causas da migração e da existência do trabalho escravo, refletindo sobre como combater o problema.

Em algumas escolas, a apresentação foi complementada com exibição de filmes e palestras. Em uma delas, por exemplo, os estudantes ficaram surpresos ouvindo os relatos de um policial da cidade que havia acompanhado uma libertação de trabalhadores no sul do Pará.

## CORDEL

Foram realizadas oficinas de literatura de cordel em duas escolas e com a turma do Projovem, tomando como base os temas discutidos no projeto. Durante esse processo, foi possível perceber o quanto os estudantes vinculam o sonho de uma vida melhor com a busca de trabalho fora do município. Alunos e alunas trouxeram histórias de pessoas próximas que tiveram esse sonho frustrado pelas condições de trabalho encontradas. Esse foi o ponto de partida para o debate sobre a migração para a cana-de-açúcar, elemento de inspiração para redação de alguns poemas. Alunos e alunas pensaram em alternativas para diminuir a saída de trabalhadores rurais do município. Surgiram ideias como a criação de uma cooperativa para produção de hortaliças e a implantação de cursos profissionalizantes para os trabalhadores. Ao final, alguns cordéis farão parte de uma cartilha que será distribuída nas escolas como forma de ampliar o alcance das informações sobre o trabalho escravo.

## FESTIVAL CULTURAL

A finalização dos trabalhos se deu em um festival cultural aberto a toda a comunidade, no qual os autores dos melhores cordéis foram premiados. Nessa atividade, houve exibição de filme, palestra com representante da Comissão Pastoral da Terra e o testemunho de uma mãe que viu seu filho se tornar vítima do trabalho escravo. Ela deixou o alerta para que os jovens não se deixem enganar por falsas promessas de trabalho em lugares distantes.



Após a encenação sobre trabalho escravo, os professores realizaram rodas de conversa com os estudantes, exibindo filmes e slides sobre a incidência deste crime no Brasil e no Maranhão. Os estudantes da Escola Municipal Dr. Adonias Lacerda também apresentaram uma peça de teatro chamada “Família composta”, preparada nas aulas de literatura.

“ Os estudantes perceberam a relação do tema com situações do seu cotidiano, na família ou com pessoas conhecidas. Um deles disse que agora não quer mais ir procurar trabalho no Mato Grosso. Quer trabalhar sua própria roça no Maranhão mesmo. E outro contou que seu pai pretendia trabalhar nas carvoarias da cidade de Colinas, mas ele conseguiu convencê-lo a não ir. Então os alunos levaram a outras pessoas informações importantes para a vida, que foram aprendidas na escola. “

**Júlia Maria da Costa**  
professora de Matemática e coordenadora do projeto



# Educar para não virar escravo

União – PI

## Quem realizou

Escola Municipal Hermínio Gomes, localizada na comunidade rural de Maniçobal.

## A ideia

O projeto foi proposto por uma escola e envolveu diversas ações com a comunidade, com o poder público e com entidades da sociedade civil. O objetivo era discutir com os trabalhadores rurais formas de prevenir e de denunciar o trabalho escravo, considerando a expansão, no município, de lavouras de cana-de-açúcar para o agronegócio.

## A ESCOLA E A COMUNIDADE

Na escola Hermínio Gomes, o trabalho escravo passou a fazer parte do currículo das turmas multisseriadas de 1º a 5º ano. No início, alunos e alunas tiveram um pouco de dificuldade para compreender o tema. No entanto, com o decorrer das atividades em sala de aula e com a produção de cartazes, faixas, textos e desenhos, o interesse e a participação foram se ampliando.

A escola realizou três rodas de conversa sobre trabalho escravo com a comunidade: com as mulheres, com os jovens e com os trabalhadores rurais. Durante as rodas, houve apresentação teatral preparada pelos estudantes, exibição de filmes e participação de parceiros, como a Comissão Pastoral da Terra, o programa “Escravo, nem pensar!”, o Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, a Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente. A ideia era alertar sobre o trabalho escravo e o aliciamento, apresentando as características que ferem a dignidade do trabalhador. Além disso, pensar em formas de combater o problema e de denunciar, divulgando as entidades de defesa dos trabalhadores.

## PASSEATA E SEMINÁRIO

A escola realizou uma passeata, que envolveu também estudantes, professores e professoras da Escola Joana Pereira dos Santos, localizada em uma comunidade vizinha. Com cartazes, faixas e apitos, chamou atenção para todos os perigos que muitos trabalhadores correm ao sair de suas casas para trabalharem no corte de cana.

No mês de agosto, foi realizado o Seminário Municipal “Educar para não virar escravo”, que apresentou os resultados do projeto e ampliou a discussão com a comunidade. O evento foi organizado em parceria com a Comissão Pastoral da Terra, o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e a Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, e reuniu estudantes, suas famílias e trabalhadores do município. Com palestras e filmes, os participantes foram informados sobre a situação dos trabalhadores da cana-de-açúcar, os riscos do trabalho escravo para os trabalhadores da cidade e quais ações estão em desenvolvimento no município e no Estado em sua defesa.



Rodas de conversa alertaram a comunidade sobre trabalho escravo, principalmente relacionado à cana-de-açúcar. Crianças apresentaram trabalhos produzidos.



“ Na semana que a gente começou com o projeto, o pai de uma aluna ia viajar pra São Paulo. A menina, de 12 anos, entrou em desespero, falando que ele iria virar escravo. Ela pediu ao pai para conversar comigo, que só assim ela deixaria ele viajar. Ele disse que ia por uma empresa conhecida aqui do Piauí, então ela teve confiança. Ela disse: “papai, quando a gente conhece as coisas, a gente tem que passar”. Aí eu entendi que ela já estava por dentro do que é prevenir contra o gato e tentou passar pro pai. Agora ele voltou e foi na escola conversar, falar que estava trabalhando bem, que não precisava se preocupar. ”

**Fernanda Nazaré dos Santos**  
professora da escola e coordenadora do projeto



# Quebrando as correntes da escravidão

Avelino Lopes – PI

## Quem realizou

Escola Municipal Jacy Nunes, situada na área urbana.

## A ideia

Levantar o debate sobre trabalho escravo e suas características em sala de aula, em grupos de estudo e em atividades culturais. Considerando o contexto social em que a escola se localiza – concentração de terra, migração, presença de carvoarias –, o objetivo também era informar sobre como um trabalhador pode se tornar escravo e o que fazer para se prevenir.

## GRUPOS DE ESTUDO

Estudantes do Ensino Fundamental participaram de atividades em sala de aula e de grupos de estudo em horários extra-classe. Foram realizadas aulas expositivas, sessões de documentários e pesquisas bibliográficas.

Com base nas discussões, os estudantes produziram textos, jograis, poesias e desenhos, em que procuraram retratar as descobertas feitas durante o projeto e divulgar as informações, chamando a atenção de outras pessoas. A cadeia produtiva do trabalho escravo foi tema de debate em sala de aula, e cada estudante expôs, por meio de cartazes e apresentações, a relação entre o trabalho escravo e os produtos que consumimos no dia a dia.

Alunos e alunas se envolveram no projeto, levando as informações para a comunidade, especialmente ao campo, onde muitos moram.



Durante o projeto, os estudantes confeccionaram desenhos sobre a cadeia produtiva do trabalho escravo, trabalho infantil, desmatamento e exploração sexual. Os materiais foram expostos na escola como meio de disseminar as informações, prevenindo a comunidade para que não se tornem vítimas destes crimes.

## GINCANA CULTURAL

No encerramento do projeto, foi realizada uma gincana sobre trabalho escravo. Os próprios estudantes formularam as perguntas e demonstraram bom conhecimento sobre o tema. Foram encenadas duas peças de teatro escritas por uma professora: uma sobre trabalho infantil nas carvoarias e outra sobre a escravidão no mercado do sexo, destacando o tráfico internacional de mulheres. Também houve apresentações de dança e de capoeira para simbolizar a resistência às opressões. Na gincana, compareceram representantes da sociedade civil e do poder público municipal.



Na culminância, estudantes utilizaram várias manifestações artísticas como teatro, dança e capoeira para expressar a resistência diante das diversas formas de opressão que ferem a dignidade humana.

“ Já tinha ouvido falar do trabalho escravo, mas só por alto. Aprendemos muita coisa nova sobre o aliciamento, que o trabalhador tem que se informar sobre a empresa antes de ir trabalhar fora da cidade. Aqui a cidade é pequena e muita gente viaja pra trabalhar. As informações são úteis pra mim, e também pros meus pais e avós, porque qualquer um de nós poderia cair no trabalho escravo, mas agora não vamos cair. ”

**Fábio Bastos da Silva**  
13 anos, estudante do 9º ano



# Escravidão feminina no mundo contemporâneo

Piritiba – BA



## Quem realizou

Colégio Municipal Firmino Ferreira Sampaio Neto, localizado no distrito de Porto Feliz.

## A ideia

Após desenvolver, em 2010, um projeto sobre trabalho escravo, a escola percebeu a necessidade de debater a fundo com estudantes e comunidade uma das faces que também está relacionada a essa violação dos direitos humanos: a escravidão feminina contemporânea e todas as formas de opressão e violência contra a mulher, como violência doméstica, violência sexual, menor remuneração salarial em comparação à dos homens, jornada tripla de trabalho, falta de acesso a serviços médicos, entre outras.

As mães ficaram satisfeitas em saber que seus filhos estão sendo orientados na escola sobre violência doméstica e sexual, por se tratar de um assunto difícil de ser abordado, inclusive em casa. Ao longo do projeto, algumas delas foram convidadas pelos estudantes para serem entrevistadas em sala de aula, e se sentiram à vontade para contar suas histórias de vida e situações de opressão a que já estiveram sujeitas. Outros depoimentos foram obtidos nas casas das mulheres mais velhas da comunidade.

O grupo da “melhor idade” participou de uma sessão de filme, seguida de uma roda de conversa sobre as tarefas consideradas masculinas e femininas e a desigualdade existente entre homens e mulheres.



## A ESCRAVIDÃO E A MULHER

A proposta foi discutir com estudantes e comunidade situações cotidianas de opressão enfrentadas pelas mulheres e questioná-las, já que muitas vezes são consideradas naturais. A partir da ideia de que, para desconstruir o que é naturalizado, é necessário reconhecer a existência do problema, a escola se empenhou em mostrar à comunidade como identificar situações de violência contra a mulher, como se prevenir e como denunciar.

Por meio de pesquisa bibliográfica e exibição de filmes, o tema foi amplamente trabalhado em sala de aula. Alunos e alunas produziram paródias, poesias, seminários, cartazes, peça teatral, danças, cordel e telas, retratando situações de liberdade e de escravidão vividas pelas mulheres. Também prepararam um “telejornal”, encenado no dia da culminância, com notícias sobre violência contra a mulher recolhidas na imprensa, além de estatísticas e depoimentos de mulheres que participaram do projeto.

Uma outra atividade realizada foi a análise de letras de músicas e de campanhas publicitárias, para refletir sobre a relação entre o uso que se faz da figura feminina e o papel desempenhado pela mulher na sociedade. Alunas e alunos foram convidados a reescrever as músicas, substituindo as expressões ofensivas por outras com mensagens de valorização feminina.

## PARTICIPAÇÃO DAS MÃES

Na comemoração do Dia das Mães, a escola promoveu, em parceria com a unidade de saúde da família, o dia da saúde da mulher. Mais de cem mães participaram e puderam fazer exame de pressão e glicemia, tomar vacinas e receber informações sobre higiene íntima e prevenção ao câncer de colo de útero e de mama, além de participar de atividades físicas.

Estudantes encenaram um telejornal, elaborado com base em pesquisas realizadas. As personagens mascaradas, que representam vítimas da violência doméstica, expuseram trechos de depoimentos colhidos ao longo do projeto. Acima, à direita, “desfile Maria da Penha”, simbolizando a diversidade feminina. Outra atividade do projeto foi o dia da saúde da mulher, com participação das mães de alunos e alunas.

“ Entre os meninos ainda se ouvem comentários machistas e alguns têm opinião firme a respeito das mulheres; o projeto não mudou isso. Mas, com as meninas, a mudança foi significativa, a ponto de alunas se encorajarem a contar que foram vítimas de violência e abuso sexual, e pedirem ajuda. ”

*Marileide dos Santos Pereira*  
coordenadora pedagógica da escola e do projeto



# Preservando o meio ambiente e colhendo cidadania: Escravo, nem pensar!

## Ibotirama - BA



### Quem realizou

Colégio Municipal Henrique Teixeira Santana, localizado na área rural.

### A ideia

Realizar o debate sobre trabalho escravo e meio ambiente, relacionando-o ao modelo de desenvolvimento colocado para o campo brasileiro. Além disso, provocar mudanças de comportamento e incentivar a realização de ações que levassem os estudantes a refletirem sobre seus direitos e deveres como cidadãos.

## AGRONEGÓCIO E TRABALHO ESCRAVO

Considerando que há uma estreita relação entre destruição do meio ambiente, agronegócio e trabalho escravo, o projeto trabalhou com os estudantes dois modelos conflitantes de desenvolvimento: de um lado, um modelo que respeita o ser humano e o meio ambiente, valorizando a interação entre eles; de outro, um modelo que tende a ser predatório, degradar o meio ambiente e utilizar mão de obra escrava, tendo como objetivo o aumento do lucro. A partir dessa diferenciação, a escola tornou-se um espaço para debate de ideias e realização de ações que incentivassem a relação harmônica entre ser humano e meio ambiente.

Na discussão sobre trabalho escravo, os estudantes assistiram a filmes e palestras sobre o tema. Orientados pelas professoras, produziram materiais como cordéis, desenhos, paródias e pinturas. Uma das palestras foi apresentada por um trabalhador, morador da região, que foi libertado da fazenda Campo Aberto, pertencente, na época da fiscalização, à família do piloto Ayrton Senna.

## AGRICULTURA FAMILIAR E RECICLAGEM

Para contrapor o modelo baseado no agronegócio, debateu-se com alunos e alunas sobre a agricultura familiar. Durante o projeto, a escola foi assessorada por um técnico agrícola da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, que orientou a construção de uma horta escolar. Aprendendo as técnicas de manejo, os estudantes colaboraram com o plantio e a manutenção da horta, e, ao final do projeto, a merenda escolar já era complementada com alimentos colhidos no terreno da escola.

Relacionados ao meio ambiente, a reciclagem e o reaproveitamento de embalagens foram outros temas desenvolvidos pelo projeto. Com a proposta de reduzir a produção de lixo, os estudantes produziram materiais com sucata e reciclagem. As crianças das séries iniciais, por exemplo, construíram brinquedos com garrafa PET, como flores e peixes, usados para simbolizar o rio São Francisco na caminhadas de encerramento do projeto. E, para os festejos juninos, as saias da quadrilha foram confeccionadas com retalhos de tecido e papéis de bala.

## AMPLIAÇÃO DO DEBATE

A escola participa do projeto vereadores mirins, em que cada escola tem alunos e alunas que a representam em sessões da Câmara Municipal de Ibotirama. Os vereadores mirins apresentaram informações sobre o trabalho escravo e alguns resultados de suas atividades para cerca de cem estudantes e professores de outras seis escolas. Para o encerramento do projeto, foi organizado um desfile nas ruas da cidade com o objetivo de divulgar os conteúdos estudados sobre trabalho escravo e meio ambiente.



Desfile pelas ruas da cidade levou informação sobre trabalho escravo à população. Em atividades sobre o meio ambiente, alunos e alunas produziram brinquedos e reciclaram papel.

“ A escola é valorizada através deste projeto. Muitas vezes, os moradores acham que, por estarem na zona rural, o conhecimento que produzem é inferior ao produzido na área urbana. O projeto faz com que se sintam valorizados e se orgulhem de estar numa escola que foi a única a conseguir uma parceria como esta. Então eles se sentem mais capazes e motivados. ”

Mônica Regina de Souza Araújo  
diretora da escola





O “Escravo, nem pensar!” é um programa educacional coordenado pela ONG Repórter Brasil. Tem como missão: diminuir, por meio da educação, o número de trabalhadores das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste aliciados para o trabalho escravo na Amazônia e no Cerrado brasileiros; difundir o conhecimento a respeito de tráfico de pessoas e de trabalho escravo rural contemporâneo como forma de combater essa violação dos direitos humanos; promover o engajamento de comunidades vulneráveis na luta contra o trabalho escravo. Para isso, o programa realiza formações de educadores, de gestores públicos de Educação e de lideranças populares, produz materiais didáticos e metodologias, realiza e apoia festivais e concursos culturais sobre o assunto, articula a formação de uma rede entre participantes de diferentes regiões do país e apoia o desenvolvimento de iniciativas locais de prevenção ao trabalho escravo.

A **Repórter Brasil** é uma organização não-governamental fundada em 2001 e é uma das principais fontes de informação sobre trabalho escravo no Brasil. Suas reportagens, investigações jornalísticas, pesquisas e metodologias educacionais têm sido usadas como instrumentos para combater a escravidão contemporânea, um problema que afeta milhares de brasileiros. Sua missão é identificar e tornar públicas situações que ferem direitos trabalhistas e causam danos socioambientais no Brasil, visando à mobilização de lideranças sociais, políticas e econômicas para a construção de uma sociedade de respeito aos direitos humanos, mais justa, igualitária e democrática.

A **Catholic Relief Services** é uma organização da Conferência dos Bispos dos Estados Unidos que busca apoiar os pobres e vulneráveis ao redor do mundo. Na América do Sul, tem atuação na Bolívia, no Equador, na Colômbia e Peru. Desde 2005, apoia iniciativas de combate ao trabalho escravo no Brasil, a exemplo do programa “Escravo, nem pensar!”, do projeto “Trilhas de Liberdade”, da campanha “De Olho Aberto para não virar escravo”, articulada pela Comissão Pastoral da Terra, e do projeto “Mutirão pastoral contra o trabalho escravo”, coordenado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Participa da Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo (Conatrae), como organização observadora, e integra o Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo.







Esta cartilha traz experiências de escolas e entidades da sociedade civil que se dedicaram, em 2011, ao desenvolvimento de ações para prevenir e combater o trabalho escravo rural contemporâneo. Ela foi produzida pelo programa “Escravo, nem pensar!”, da ONG Repórter Brasil. Seu objetivo é divulgar as ações de comunidades e escolas que assumiram a luta contra o trabalho escravo. E servir de inspiração para outras que desejem abraçar essa causa.

